



MR 020. Interfaces entre Gênero e Ruralidade no fazer etnográfico

Coordenador(es):

Elisa Guaraná de Castro (PPGCS/UFRRJ)

Participantes:

Graziele Dainese (UFF)

Yara de Cássia Alves (usp)

Rodica Weitzman (ISPN)

Debatedor/a:

Elisa Guaraná de Castro (PPGCS/UFRRJ)

As pesquisas sobre as questões de gênero no meio rural enfrentam alguns desafios éticos e sociais no fazer etnográfico que merecem ser tratados com maior sistematicidade. Tratando de temas que circulam entre a intimidade do espaço doméstico, das relações familiares, da percepção sobre os corpos, da construção das subjetividades e, por outro lado, a expressão social dessas marcas no espaço público, o/a pesquisador/a se depara com limites no alcance de sua investigação. Envolvido/a pela teia social que elabora e atualiza a lógica das relações de gênero, o antropólogo, sobretudo a antropóloga, se torna um dos elos dessa engrenagem o que delimita fronteiras e impõe interdições na seu trânsito social e espacial.

Essa mesa visa aprofundar a reflexão, a partir de experiências etnográficas, sobre esses limites e suas implicações nas pesquisas sobre questões de gênero em universos sociais rurais. Pretende-se identificar esses limites e as diferentes possibilidades de respostas e de estratégias traçadas no esforço de viabilizar o fazer etnográfico e o desenvolvimento de seu objeto de pesquisa. Até que ponto e como esse envolvimento incide sobre o conhecimento que se produzirá orientando-o para ou desviando-o de certos temas e questões? Quais as dimensões políticas desse processo em que o/a antropólogo/a é também um ator solidário às demandas de transformação das relações sociais de gênero do grupo social que estuda?

Criação como processo político feminino: Reflexões a partir de casas e famílias quilombolas do Vale do Jequitinhonha- MG

Autoria: Yara de Cássia Alves (USP)

O objetivo desta apresentação é analisar os modos políticos de criação de filhos entre quilombolas de quatro comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha- MG, destacando a ação das mães como centrais para a produção de família. A partir de múltiplos processos de conhecimento e fabricação dos corpos dos filhos, as mulheres em questão desenvolvem técnicas apuradas de observação, escrutínio que permite aproximações com diferentes membros familiares. Nesse processo, a casa se destaca como um espaço de pesquisa e observação atenta, onde a criação dos filhos mobiliza o parentesco por meio da memória ao mesmo tempo que produz “modos” familiares específicos. Portanto, ao longo do tempo, essas mães compartilham o conhecimento acumulado sobre cada filho, fabricando reputações individuais e familiares.

Estar com as mulheres: o que faz o gênero em uma pesquisa com camponesas?

Autoria: Graziele Dainese (UFF)

A partir de um estudo com mulheres camponesas, pergunto: se ser mulher coloca como condição de pesquisa



o estar com mulheres, como se constróem essas relações e o que se produz a partir delas? A proposta é problematizar o debate das influências do gênero em tais pesquisas, a exemplo dos limites do acesso das pesquisadoras às relações, espaços e práticas da vida comunitária, principalmente, aqueles que envolvem os homens (e o que está implícito aqui é a dimensão supostamente limitada da vida das mulheres do campo). Penso que se o gênero se impõe à pesquisa, sua análise deve evitar pré-noções sobre ser mulher pesquisadora e ser mulher camponesa e estar atenta às generificações produzidas e o que elas produzem. Por sua vez, as generificações apontam para a construção de perspectivas, que não devem ser tomadas como mais limitantes do que quaisquer outros pontos de vista etnográficos.

Limites e possibilidades dos trânsitos efetivados: espaços e práticas marcados por relações sociais de gênero no fazer etnográfico

Autoria: Rodica Weitzman (ISPN)

Reflico sobre a opção de costurar uma etnografia que joga luz nas identidades de gênero, tanto da “mulher” pesquisadora quanto dos/as seus interlocutores/as, explorando de que modo a “generificação” da prática e narrativa etnográfica interfira nas relações construídas no campo. Focalizo uma pesquisa que ressalta as trajetórias de mulheres agricultoras no âmbito da organização sócio-política e das práticas agrícolas, analisando as repercussões dos seus deslocamentos por espaços marcados pelas diferenciações de gênero dentro e fora da propriedade rural – cozinha, quintal, roçado, rua. Inspirada em algumas abordagens feministas pós-modernas, sublinho a agência de minhas interlocutoras nos seus trânsitos por lugares permeados por relações assimétricas, além de analisar, de forma minuciosa, as dimensões políticas dos meus modos de “afetar” e “ser afetado/a” por diversas interações sociais.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: